

O GÓTICO EM LITERATURA, ARTES, MÍDIA

ENSAIOS EM INGLÊS E PORTUGUÊS



DANIEL SERRAVALLE DE SÁ

Organização

RAFAEL COPETTI
-EDITOR-

POR UMA CARTOGRAFIA DO GÓTICO: TEORIA, CRÍTICA, PRÁTICA

DANIEL SERRAVALLE DE SÁ¹

O presente volume retoma alguns dos principais trabalhos apresentados nos Simpósios de Pós-Graduação dedicados à temática do gótico, uma série de cinco eventos realizados entre 2011 e 2018, que tiveram origem na disciplina *Tópicos Especiais em Interseções Teórico-Culturais*, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Inglês (PPGI), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Os simpósios se destinaram à divulgação e troca de experiências sobre as diversas manifestações do gótico na literatura, no cinema e em outros meios de expressão artística, como as artes plásticas, os quadrinhos e os videogames. Idealizados com a proposta de reunir pessoas interessadas no assunto, as edições do evento² abordaram manifestações do gótico em diferentes períodos históricos e contextos culturais e, com o passar dos anos, os “simpósios góticos” se consolidaram como um fórum para debates e reflexões sobre o tema.

Inicialmente, a palavra gótico era apenas um adjetivo relacionado aos Godos, uma tribo de cultura germânica que ajudou a derrubar o Império Romano. Hoje, o gótico já se estabeleceu como substantivo e, na língua inglesa, por vezes é até usado como verbo — *to gothicize* — para descrever uma guinada lúgubre sobre determinados assuntos — é o que acontece com a personagem Catherine Morland ao projetar sobre a abadia de Northanger seu imaginário mais terrível e assustador. Durante os simpósios, a acepção de gótico que mais nos interessou debater foi a de matriz artística-cultural, uma forma de expressão que tem suas origens na arquitetura e na pintura medieval, que ressurge na literatura e continua reaparecendo nas novas mídias e na arte contemporânea, tornando-se porta-voz das ansiedades, dos medos e das sombras que são inerentes à humanidade.

Ter um olhar gótico sobre o mundo é se interessar pelo desconhecido e misterioso, por aquilo que não quer se revelar ou que não se deixa ver. Estudar o

¹ Professor Adjunto no Departamento de Língua e Literaturas Estrangeiras na Universidade Federal de Santa Catarina.

² *The Gothic in Literature and Film: what is Gothic?* (2011), O gênero de terror em perspectivas teóricas (2015), O gótico através dos séculos (2016), Gótico: 250 anos de horror, excesso e ruínas (2017), *Global Gothic*: mapeando expressões góticas pelo mundo (2018).

gótico implica em observar os limites, as transgressões e as ameaças às convenções que definem o ser humano e o mundo que criou para si. Desejos inconfessáveis, dissimulações da personalidade, obsessões, neuroses, memórias reprimidas, psicogênias individuais e coletivas, falhas na compreensão da realidade ou realidades além da compreensão, são apenas alguns exemplos dos espectros que nos assombram. Muitas vezes a ficção gótica, seja ambientada no presente, passado ou futuro, contém uma alegorização dos significados, ou seja, são narrativas que representam de forma indireta uma coisa ou uma ideia sob a aparência de outra, substituindo a significação habitual por comparação subentendida.

Narrativas góticas, seja nas páginas ou nas telas, são testemunhos inextricáveis não apenas do período em que foram produzidas, mas, também, da época em que estão sendo lidas. Por exemplo, em 1818, *Frankenstein* atualizou o mito de Prometeu, alertando sobre a relação entre húbriis e novas tecnologias, que naquele momento era a eletricidade. Atualmente seria possível ler o livro à luz das pesquisas do projeto genoma, das experiências com clonagem, das modificações corporais e, como demonstra Susan Stryker (1994), do *transgenderism* e seus processos de transição. Em 1897, o *Drácula* vitoriano pode ter ecoado medos sobre miscigenação racial e “colonização reversa”, para usar uma expressão de Stephen Arata (1990). Hoje, pode-se pensar sobre a centralidade do sangue no romance em termos de infecção e contágio, inclusive a contaminação do suprimento de água potável da Terra, uma possível chave de leitura para o filme *Amantes eternos* (Jim Jarmusch, 2013).

No tempo presente, o gótico surge para falar sobre inquietações que dizem respeito ao fim da humanidade como a conhecemos, o nosso percurso para o pós-humano ou talvez para a extinção. O que se observa na produção contemporânea são horrores que emergem na forma de distopias totalitárias, violência urbana, colapsos ambientais, epidemias globais, catástrofes climáticas, conspirações secretas e outras ansiedades que habitam o nosso cotidiano, no qual terror e horror são condições diárias frente à iminência de um apocalipse que se acerca. Nesse sentido, a representação gótica foi (e ainda é) a materialização do nosso relacionamento apreensivo com o mundo. Em 1974, no posfácio da antologia *Fireworks: nine profane pieces*, Angela Carter afirma que “vivemos em tempos góticos”.³ Quarenta e cinco anos depois, muita (e pouca) coisa mudou, mas, a constatação da onipresença do gótico nas matrizes da cultura gerou respostas no contexto acadêmico. À medida que artistas adaptam o gótico a novas situações, espaços e contextos temporais, surgem também novas abordagens críticas para

³ “We live in Gothic times.” (CARTER, 1974, p. 122).

a análise desse modo discursivo⁴ encontrado em tantos países e culturas. Se no século XXI parece que tudo (e nada) ainda é gótico, como entender o significado do termo?

De forma que, o propósito deste livro é fornecer aos leitores recursos para entender como o gótico é estudado a partir de uma perspectiva acadêmica contemporânea. Os ensaios que compõem o volume são estudos de caso que permitem compreender melhor o desenvolvimento da teoria, da crítica e das práticas acadêmicas que aconteceram nos últimos anos em relação aos estudos sobre o gótico. Apesar da pluralidade de temas, contextos e formatos, o debate sobre o gótico neste livro é coeso e muitas vezes autorreferencial, de forma que os diferentes capítulos se conectam. As explicações e informações contidas nos diferentes ensaios são complementares e cumulativas, fornecendo elementos para entender as origens, a popularização e as circunstâncias por trás da persistência do gótico através dos tempos. Cada ensaio pode ser lido de modo individual, mas, é no conjunto, no diálogo entre os diferentes textos que um sentido mais amplo sobre o gótico se constrói, se interliga e se expande. O livro apresenta pesquisas que são informadas pela crítica anglo-americana, mas que são pensadas, aclimatadas, adaptadas e desenvolvidas no Brasil. O gótico já foi considerado um gênero exclusivamente anglófono, todavia, mais recentemente, críticos em todo o mundo começaram a localizar suas próprias tradições culturais de terror sobrenatural, horror, mistério e melodrama (SÁ, 2010; EDWARDS; VASCONCELOS, 2016; ORDIZ; VISCAÍNO, 2018).

Por uma nova cartografia do gótico, pesquisadores de diferentes lugares passaram a problematizar com as tradicionais conotações anglo-americanas, identificando novas direções e contextos culturais de produção. Além disso, a criação de instituições como a International Gothic Association (IGA), que promove conferências bianuais, o projeto *Global Gothic*, sediado na University of Stirling (Escócia), o Laboratório Interdisciplinar de Estudos do Gótico (LIEG/UFTM) e o Grupo de Pesquisa do CNPq Estudos do Gótico, que reúne pesquisadores de diferentes universidades do Brasil, tem contribuído significativamente para o mapeamento das manifestações góticas ao redor do mundo. Como resultado, a definição foi ampliada e cada vez mais tem havido um entendimento crescente de um gótico menos circunscrito, cada vez mais reconhecido como um modo discursivo presente em diversos países e tradições culturais.

⁴ Forma de expressão que não está necessariamente atrelada a um gênero literário e que envolve narração, descrição, exposição e argumentação.

O gótico na historiografia literária

Na história da crítica literária houve uma certa tendência de preterir o gótico em detrimento do Romantismo. Um equívoco, pois, em essência, o Romantismo promove uma especialização de determinados temas, imagens literárias, convenções narrativas e características discursivas preexistentes nos textos góticos. De acordo com antigos manuais de literatura, os primeiros romances góticos, com seus cenários pseudomedievais, nada mais seriam para o leitor moderno do que uma mera curiosidade. Tal posicionamento da crítica de outrora levou a uma marginalização da ficção gótica. Entretanto, a historiografia da crítica literária é muito mais diversificada e interessante do que os julgamentos histórico-literários, e os entendimentos mudam com o passar do tempo. Em outras palavras, a ficção gótica não é um gênero velho e empoeirado, tampouco a leitura que se faz desses textos é algo estanque. Na busca de significados sobre o que é gótico, adentra-se uma arena aberta para debates sobre questões de linguagem, cultura e relações de poder em contextos sociais e históricos. Tanto a forma literária quanto as reflexões críticas sobre o gótico são permeadas por vozes dissidentes que buscam explicar algo sobre esse modo discursivo que há séculos resiste às mudanças socioculturais e transições políticas.

Embora seja um conceito bem estabelecido, principalmente na área das Literaturas de Língua Inglesa, não há um consenso sobre o seu significado. Basta ler o que diz a crítica especializada para confirmar que o sentido do gótico é múltiplo e fluido: Lenora Ledwon explica que “parte da dificuldade reside no fato de que, em vez de se falar do ‘gótico’ enquanto uma categoria monolítica, é mais apropriado reconhecer que existem muitos *góticos*”; David Punter e Glennis Byron afirmam que o gótico é “um conjunto de valores irreconciliáveis e contraditórios, tanto em termos estéticos quanto políticos”; Fred Botting argumenta que “a busca do gótico [...] é um esforço crítico vão.”⁵ A ideia aqui é que o gótico não opera sob um único paradigma, trata-se de um modo flexível que se adapta a diversas formas culturais e dinâmicas ideológicas oriundas de muitas vertentes. Indeterminação, ambivalência e multiplicidade são conceitos centrais ao gótico já que nem em obras ficcionais e criativas nem nos estudos críticos e teóricos o gótico segue um padrão. Tanto as obras de ficção quanto as obras críticas servem apenas para

⁵ “part of the difficulty lies in the fact that, rather than speaking of one monolithic category of ‘Gothic’, it is more appropriate to recognise there are many *Gothics*” (LEDWON, 1993, p. 261); “a set of irreconcilable and contradictory values both in aesthetic and political terms” (PUNTER; BYRON, 2004, p. 4); “the search for *the Gothic* [...] is a vain critical endeavor” (BOTTING, 2001, p. 1).

expandir e reinventar os parâmetros estilísticos e discursivos, de forma a produzir uma multiplicidade de *góticos*.

Pode-se dizer que o estudo acadêmico do gótico começa no início do século XX, com a publicação de obras seminais como *The Supernatural in Modern English Fiction* (1917), de Dorothy Scarborough; *The Tale of Terror* (1921), de Edith Birkhead; *The Haunted Castle* (1927), de Eino Railo; *The Romantic Agony* (1933), de Mario Praz; *The Gothic Quest* (1938), de Montague Summers; *The Gothic Flame* (1957), de Devendra Varma, entre outros estudos influentes que ajudaram a deslocar os textos de ficção gótica dos séculos XVIII e XIX de uma posição periférica para um lugar mais próximo do cânone literário. No final dos anos 1960, pesquisadores e estudiosos do Romantismo desempenharam um papel importante no estabelecimento dos *Gothic Studies*, ajudando no que se tornaria no futuro um campo distinto do conhecimento. O famoso intercâmbio entre Robert Hume e Robert Platzner, por meio da série de textos “Gothic versus Romantic” (1969-1971), talvez seja o debate mais representativo desse período, tendo contribuído significativamente para aumentar o interesse sobre a ficção gótica e resultado em uma série de outras pesquisas na área.

Mais recentemente, outros desenvolvimentos críticos e teóricos, que incluem as teorias feministas, pós-estruturalistas, psicanalíticas, o novo historicismo e os estudos culturais, agregaram uma série de argumentos e foram muito importantes na difusão do gótico como conceito em construção, dando início a um processo de internacionalização do termo que pode ser observado a partir da década de 1980. *The Coherence of Gothic Conventions* (1980), de Eve K. Sedgwick; *The Literature of Terror* (1980), de David Punter; *Fantasy: the Literature of Subversion* (1981), de Rosemary Jackson; *Horror Fiction in the Protestant Tradition* (1988), de Victor Sage, juntamente com tantas outras importantes obras publicadas nas décadas de 1990 e 2000, consolidaram os *Gothic Studies* como um campo de discussão acadêmica e debate intelectual.

A globalização do gótico segue se expandindo no século XXI como uma continuação da vertente anglo-americana e como uma transformação dessa tradição. Os efeitos da globalização que levam a literatura, as artes e as mídias ao redor do mundo produzem novas formas góticas e, ao mesmo tempo, revelam a presença do gótico em itens culturais do passado, que até então não eram lidos dessa maneira. Enquanto uma ramificação linguística e cultural da tradição anglo-americana, há excelentes estudos sobre o gótico na Escócia, na Índia, no Canadá, na Austrália, entre outros países, que investigam as suas histórias nacionais à luz dos seus passados coloniais. Todavia, no que diz respeito às

transformações do modo gótico, a Ásia e a América Latina se destacam tanto em termos de produção acadêmica e artística quanto em termos de inovação crítica.

Dentre algumas das pesquisas dessa nova e crescente dinâmica nacional e intercultural cita-se: *Asian Gothic: essays on literature, film and anime* (2008), editado por Andrew Hock Soon Ng; “La cosa maldita: Leopoldo Lugones y el Gótico Imperial” (2009), artigo de Juan Pablo Dabove, publicado na *Revista Iberoamericana*; *Gótico Tropical: o sublime e o demoníaco em O guarani* (2010), de Daniel Serravalle de Sá; “Gothic: New Directions” (2012), edição especial do periódico *Ilha do Desterro*, organizado por Daniel Serravalle de Sá e Anelise R. Corseuil; “Exploring Gothic and/in Latin America” (2014), introdução de Enrique Ajuria Ibarra para o periódico *Studies in Gothic Fiction*; *Tropical Gothic in Literature and Culture: the Americas* (2016), organizado por Justin D. Edwards e Sandra Guardini Vasconcelos; *Spanish Gothic* (2017), de Xavier Aldana Reyes; *As nuances do Gótico: do setecentos à atualidade* (2017), organizado por Júlio França e Luciana Colluci; *Selva de fantasmas: el gótico en la literatura y el cine latino-americanos* (2017), de Gabriel Eljaiek-Rodríguez; *Estudos do Gótico* (2017), organizado por Alexander Meireles da Silva, Fernando Monteiro de Barros, Júlio França e Luciana Colucci; “East Asian Gothic: a definition” (2017), artigo de Colette Balmain; *Latin American Gothic in Literature and Culture: transposition, hybridization, tropicalization* (2018), organizado por Inés Ordiz e Sandra Casanova Viscaíno; *Vertigo: vertentes do Gótico no Cinema* (2018), organizado por Claudio Zanini e Cido Rossi; *B-Movie Gothic: International Perspectives*, organizado por Justin D. Edwards e Johan Höglund; “Tropical Gothic” (2019), edição especial do *eTropic Journal*, organizado por Anita Lundberg, Katarzyna Ancuta e Agnieszka Stasiewicz-Bieńkowska; *Doubles and Hybrids in Latin American Gothic* (2019), organizado por Antonio Alcala Gonzalez e Ilse Marie Bussing López.

Hoje, pesquisadores podem olhar para trás e enxergar um conjunto de obras acadêmicas, uma vasta fortuna crítica que se desenvolveu substancialmente nos últimos cem anos para tornar-se um fenômeno internacional. Atualmente, os estudos sobre gótico se tornaram uma área de estudos de pleno direito, com bibliografia própria, cursos de graduação e de pós-graduação, associações acadêmicas e periódicos especializados. Por uma visão além da academia, os estudos góticos também abrangem grupos organizados em fóruns de discussão, grupos em redes sociais, sites temáticos, fanzines e outros tipos de publicações populares em diversos meios de comunicação. Há, inclusive, toda uma estética associada a vídeo, moda, música, arte corporal e comportamento alternativo que emprega o gótico na sua estrutura de composição, promovendo novos entendimentos sobre o termo e consolidando o tópico no mapa mundial.

O gótico como desafio epistemológico: uma proposta interpretativa

Ainda que nenhuma explicação inequívoca sobre o que é o gótico esteja disponível, pois isso seria desnecessariamente limitante, e sem rejeitar as diferentes acepções do termo, para fins de organização de uma disciplina de pós-graduação, foi preciso estabelecer uma “matriz gótica”, uma pedra-de-toque que pudesse ancorar um conceito tão polissêmico para os estudantes. Uma das interpretações mais convincentes sobre a natureza do gótico remete à crise epistemológica que ocorreu na Europa, na segunda metade do século XVIII.

Eventos históricos como o terremoto de Lisboa (1755) e as erupções do Vesúvio no século XVIII (1707, 1737, 1760, 1767, 1779, 1794) colocaram em evidência o poder da Natureza e favoreceram o surgimento de uma disposição filosófica mais sombria e Sublime. Se na Idade Média a natureza era vista como uma entidade divina e benevolente (as catedrais góticas representam e louvam o mundo natural), no século XVIII a natureza passa a simbolizar uma força indomável e onipotente, capaz de desencadear destruição e morte. Acompanhando essa mudança de paradigma interpretativo, a representação da Natureza e do mundo natural na literatura, na pintura e nas artes, de modo geral, ganha tons mais malignos.

A desconfiança e o medo do Mal irrompem no imaginário coletivo europeu, dando origem à criação de romances cujos enredos oscilavam entre a realidade verificável e a aceitação de um mundo sobrenatural e perverso. Essas narrativas contêm elementos que desafiaram a racionalidade neoclássica e questionaram o projeto Iluminista ao representar uma disposição existencial mais funesta, expondo a natureza caótica do mundo e a contingência da vida. A ascensão desse tipo de ficção está profundamente associada a suspeitas em relação aos mitos do progresso, ao racionalismo exacerbado, às apreensões relacionadas aos desenvolvimentos tecnológicos emergentes, às mudanças profundas nos modos de vida, derivadas do nascimento do liberalismo econômico. Não é por acaso que tais romances retornam à Idade Média, um tempo no qual a organização social e as formas do viver pareciam mais estáveis. Entretanto, também não há alento no passado feudal, um período no qual as doenças infestavam os campos e as cidades, os aristocratas eram tirânicos, os clérigos maléficos e as crueldades mais hediondas imperavam. O dilema entre um passado monárquico, tradicional e glorioso (mas ao mesmo tempo opressivo e violento) e um futuro democrático, liberal e progressista (mas também desumano e incerto) é central para entender essa produção ficcional oitocentista.

Na Inglaterra tais romances ficaram conhecidos como góticos, na Alemanha *schauerroman* e na França *roman noir*. De muitas maneiras, são textos que trabalham com o mesmo material histórico, mas que fazem diferentes interpretações das situações, de modo que querer agrupar romances tão heterogêneos sob nomenclaturas nacionais e monolíticas só se justifica como artifício didático. O argumento aqui é que, apesar das origens distintas, os cenários representados na literatura desse período podem ser unificados por meio de um modo discursivo que diz respeito às crises intelectuais daquele século, as quais são representadas em situações em que os personagens (e os leitores) vivem um impasse entre aquilo que sabem e aquilo que pensam saber. Em oposição às práticas codificadas do estudo de gênero textual, a noção de gótico que orientou as leituras durante a disciplina foi buscar na epistemologia instrumentos para a elaboração de uma metodologia crítica, com o objetivo de teorizar sobre as representações literárias que se manifestam na forma de devaneios, alucinações, sonhos, visões, delírios e outros equívocos ligados à (in)compreensão da realidade. Mais precisamente, a proposta interpretativa que guiou as leituras focou na observação de falhas na matriz racional que constitui a intelectualidade humana e como tais momentos se materializam em textos literários, filmes, videogames e outras mídias narrativas.

Dito de outra forma, o conceito de gótico ao qual sempre retornamos, sem negar nenhum outro, foi o de desafio epistemológico, ou seja, priorizamos o estudo de momentos em que os personagens sentem dificuldade de ajustar suas percepções sensoriais às estruturas racionais que sustentam sua compreensão de mundo. Muitas vezes, esses deslumbramentos vividos pelos personagens contagiam o próprio leitor, que experimenta um instante de estranhamento, assombro ou fissura da razão. Do ponto de vista da construção textual, tais momentos de desorientação são alcançados por meio de efeitos retóricos, mecanismos narrativos, artifícios linguísticos e temáticos (que chamamos aqui de modos discursivos), os quais visam desestabilizar a segurança emocional e intelectual dos leitores. Victor Sage e Allan Lloyd-Smith afirmam que tal tipo de representação é “central em ficções modernas em tela ou em romances, não é um código, mas um tipo de vão entre os códigos, um ponto no qual a própria representação parece falhar, deslocar-se ou espalhar-se”.⁶ O gótico seria então uma lacuna, um momento anárquico de irracionalidade, no qual a mente escapa à linguagem da representação e foge por entre as brechas textuais. Às vezes o leitor precisa voltar alguns parágrafos no texto para certificar-se de que o fato narrado

⁶ “[...] central to modern fictions of screen and novel, is not one code but a kind of gap between codes, a point at which representation itself appears to fail, displace or diffuse itself”. (SAGE; LLOYD-SMITH, 1996, p. 2).

realmente foi compreendido, vivenciando uma crise de interpretação ou desafio epistemológico. Mesmo que a ordem narrativa seja imediatamente restabelecida por meio de explicação autoral, subjugando o instante de deslumbramento e trazendo o leitor de volta à lucidez, o momento de devaneio não se torna menos potente por causa disso, pois a explicação racional dos fatos ocorridos não anula a experiência de desorientação. Nesse sentido, essa experiência “gótica” de desorientação não é oposta ao gênero Realismo e sim ao discurso realístico, ou seja, desafia aquilo que há de lógico, racional e coerente na intelectualidade humana, podendo ocorrer em diferentes tipos de mídia e gêneros narrativos.

Ainda que as condições para que o desafio epistemológico advenha do texto, uma das prerrogativas da leitura epistemológica é o foco no leitor, e não apenas na estrutura textual, de forma que, algumas distinções se fazem necessárias. As diferenças entre epistemologia e cognição, bem como seus pontos tangenciais (a questão do leitor), já foram debatidas pelo filósofo Alvin Goldman (1986), que questionou as demarcações entre as disciplinas e balizou as áreas de atuação de cada especialidade. A reflexão sobre a natureza do nosso conhecimento dá origem a uma série de problemas desconcertantes que constituem o tema da epistemologia ou teoria do conhecimento, a qual tem por base a distinção platoniana entre o mundo cognoscível e o incognoscível. Também faz parte do escopo da epistemologia pensar em questões sobre a origem e os limites do conhecimento — a questão das falhas é particularmente relevante para se pensar o gótico. Adiante, o trabalho de Noël Carroll (1990) na área da filosofia cognitiva aplicada à literatura de terror é iluminador no concernente à identificação de representações estéticas do sobrenatural e seus efeitos. Carroll discute o papel de narrativas de terror sobrenatural como construções textuais voltadas para produzir reações emocionais, investigando as reações cognitivas geradas por esse tipo de narrativa. Algumas das perguntas que ele se propõe a responder são: por que nos assustamos com seres sobrenaturais que sabemos que não existem? Por que apreciamos narrativas que são feitas para nos causar medo? Entretanto, o desafio epistemológico que se quer destacar nos textos góticos não é uma expressão cognitiva nem psicológica da mente, mas, em outro nível, é o processo de colapso da racionalidade, que leva a situações de indeterminação e crise. Em outras palavras, o problema da leitura cognitiva do texto (as emoções e o inconsciente) não ilumina questões específicas sobre o colapso da linguagem representacional, sobre a incapacidade de colocar em forma de texto aquilo que é a matéria-prima dos sonhos, das alucinações e de outros devaneios ligados às falhas na compreensão da realidade ou às realidades além da compreensão. O desafio epistemológico do qual falamos aqui é o próprio *cogito* de Descartes em crise.

Sem entrar muito nos debates filosóficos e nos conceitos sobre a natureza da epistemologia, aproximando-se mais da perspectiva literária, estudar o gótico como um desafio da razão, provou ser uma prática de ensino particularmente funcional para apresentar aos estudantes de pós-graduação um argumento didático e útil na abordagem de uma gama de textos distintos. O gótico costuma envolver um tipo de narração repleta de experiências difusas e momentos de irracionalidade que têm como base a noção de verdade como algo a ser descoberto. Não por acaso, H.P. Lovecraft afirma que, por serem histórias de mistérios e enigmas, as narrativas góticas são precursoras diretas das narrativas de detetive. Por esse viés, a função da ficção gótica e das suas expressões afins é demonstrar que os nossos mapas da realidade são incompletos, revelando falhas no processo de pensamento, os quais levam a equívocos. Ao oferecer um modelo de representação baseado em experiências difusas, o gótico seria então uma provocação epistemológica para a matriz racional que constitui a linguagem e o pensamento humano.

Agradecimentos às autoras e autores, ao conselho editorial e às colaboradoras e colaboradores deste livro que trabalharam de maneira voluntária. Aos palestrantes das diferentes edições do simpósio que enriqueceram o debate com preciosas contribuições. Ao Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras (DLLE) e ao Programa de Pós-Graduação em Inglês (PPGI) pelo financiamento que tornou possível a impressão deste livro. Por ter sido impresso com verba pública, este volume tem fins educacionais e distribuição gratuita. O objetivo é a democratização da informação, do conhecimento e da cultura, conceitos essenciais para o desenvolvimento da educação. As imagens utilizadas neste livro pertencem aos seus autores e/ou aos que lhe são conexos (Lei nº 9.610/1998) e as colocamos à disposição do público como citação ou referência à obra original.

Boas leituras!

Referências

- ARATA, Stephen. *The Occidental Tourist: Dracula and the anxiety of reverse colonization*. *Victorian Studies*, v. 33, n. 4, p. 621-645, 1990.
- BIRKHEAD, Edith. *The Tale of Terror: a study of the Gothic romance*. New York: Russell and Russell, [1921] 1963.
- BOTTING, Fred. *The Gothic*. London: D. S. Brewer, 2001.
- CARROL, Noël. *The Philosophy of Horror, or paradoxes of the heart*. London: Routledge, 1990.

- CARTER, Angela. *Fireworks: nine profane pieces*. London: Virago, 1974.
- EDWARDS, Justin D.; VASCONCELOS, Sandra G. T. (Ed.). *Tropical Gothic in Literature and Culture: the Americas*. New York: Routledge, 2016.
- GOLDMAN, Alvin. *Epistemology and Cognition*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1986.
- HUME, Robert D. Gothic versus Romantic: a revaluation of the Gothic novel. *PMLA*, v. 1, n. 84, p. 282-290, 1969.
- JACKSON, Rosemary. *Fantasy: the literature of subversion*. London: Methuen, 1981.
- LEDWON, Lenora. *Twin Peaks and the Television Gothic. Literature/Film Quarterly*, v. 4, n. 21, p. 260-270, 1993.
- LOVECRAFT, Howard P. *Supernatural Horror in Literature*. London: Dover, [1927] 1973.
- ORDIZ, Inés; VISCAÍNO, Sandra Casanova (Ed.). *Latin American Gothic in Literature and Culture: transposition, hybridization, tropicalization*. New York: Routledge, 2018.
- PLATZNER, Robert L. "Gothic versus Romantic": a rejoinder. *PMLA*, v. 1, n. 86, p. 266-274, 1971.
- PRAZ, Mario. *The Romantic Agony*. Trad. Angus Davidson. Oxford: Oxford UP, [1933] 1970.
- PUNTER, David. *The Literature of Terror: a history of Gothic fictions from 1765 to the present day*. London: Longman, 1980.
- PUNTER, David; BYRON, Glennis (Ed.). *The Gothic*. London: Blackwell, 2004.
- RAILO, Eino. *The Haunted Castle: a study of the elements of English Romanticism*. New York: Humanities Press, [1927] 1964.
- SÁ, Daniel Serravalle de. *Gótico Tropical: o sublime e o demoníaco em O guarani*. Salvador: EdUFBA, 2010.
- SAGE, Victor. *Horror Fiction in the Protestant Tradition*. Basingstoke: Macmillan, 1988.
- SAGE, Victor; LLOYD-SMITH, Allan. *Modern Gothic: a reader*. Manchester: Manchester University Press, 1996.

SCARBOROUGH, Dorothy. *The Supernatural in Modern English Fiction*. New York: Putnam, 1917.

SEDGWICK, Eve K. *The Coherence of Gothic Conventions*. London: Methuen, [1980] 1986.

STRYKER, Susan. My words to Victor Frankenstein above the Village of Chamounix: performing transgender rage. *GLQ, a Journal of Lesbian and Gay Studies*, v. 1, n. 3, p. 237-254, 1994.

SUMMERS, Montague. *The Gothic Quest: a history of the Gothic novel*. New York: Russell and Russell, [1938] 1964.

VARMA, Devendra P. *The Gothic Flame: being a History of the Gothic novel in England, its origins, efflorescence, disintegration, and residuary influence*. New York: Russell and Russell, [1957] 1966.